



Notas de leitura

A trilogia Baroque Cycle

Neil Stephenson

Romance histórico monumental passado na Europa do Norte setecentista

Eu gosto de ler calhamaços, mas desta vez exagerei! Tropecei no terceiro volume, *System of the World*, ao vasculhar a zona de literatura inglesa da FNAC, e o assunto interessa-me há muito tempo: o período barroco, a guerra dos 30 anos e outros conflitos nesse período, as raízes da modernidade na Inglaterra.

Agradou-me, ao ler na diagonal umas quantas páginas ainda na loja, a grande cópia de pormenores, uma pesquisa exaustiva do período, a alusão a personagens históricos fundadores do pensamento moderno como Isaac Newton, Oliver Cromwell e Gottfried Wilhelm Leibnitz – tudo isto numa estrutura de romance de aventuras e com um estilo literário bem disposto, com umas incursões ligeiras pela maneira de escrever inglês da época.

Passada uma semana, voltei ao local do crime e comprei o primeiro volume, *Quicksilver*. Por esta altura o meu défice de sono, normalmente grande, já estava em limites assustadores. Mas curei-me porque passei 15 dias sem conseguir encontrar *Confusion*, o segundo volume. Acabei por ter de encomendá-lo na FNAC. Ao todo, 2558 páginas de ficção, ainda por cima em inglês. É obra...

Ficção Científica no século XVII?

Acontece que este Neil Stephenson não é exactamente um escritor de romances históricos, mas sim de Ficção Científica! Ele próprio afirma que isto é um romance de ficção científica, embora passado entre 1655 e 1714.

Eu já li alguns romances de Ficção Científica cuja acção se situa no passado, com destaque para a série *Time Patrol*, de Poul Anderson. Nesse caso os cenários históricos faziam parte de um enredo de viagens no tempo. Como a perfeição técnica e a coerência dos detalhes fazem parte da boa tradição deste género literário, quando um escritor de FC decide ir ao passado, pesquisa exaustivamente o período, da mesma forma que se documenta sobre inteligência artificial quando decide escrever sobre robots.

Devo dizer que aprendi bastante sobre a Pérsia de Dário, o Mediterrâneo Oriental helenístico e as origens históricas do mito do Anel dos Nibelungos ao ler estes romances despreziosos da *Patrulha do Tempo*.

Outro subgénero da Ficção Científica que lida com o passado são os romances do tipo *What If*, como *O Agente de Bizâncio*, publicado em dois volumes na Colecção Argonauta. Aí o autor Harry Turtledove pergunta o que teria acontecido se Maomé não tivesse fundado uma nova religião e, em vez disso, se tivesse convertido ao cristianismo, tornando-se num santo cristão.

Neil Stephenson tinha escrito um romance de bastante sucesso que eu não li ainda, chamado *Cryptonomicon*, situado num futuro próximo, e que lidava com criptografia, a Internet, o controle de bases de dados e o sistema financeiro. Parte desse romance situava-se no passado, durante a II Guerra Mundial.

Baroque Cycle

Neil Stephenson

Harper Perennial

Harper Collins

New York 2004

Vol. 1:

Quicksilver

917 págs.

Vol. 2

Confusion

815 págs.

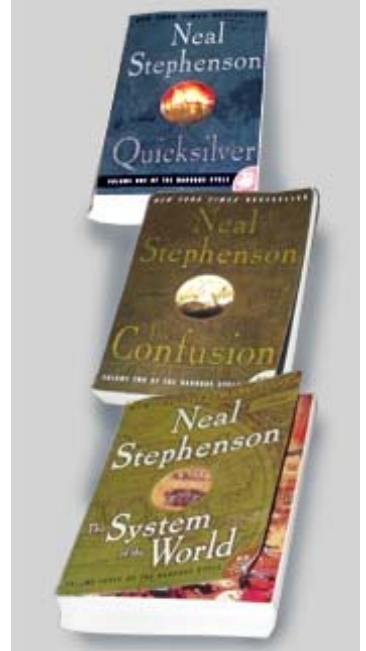
Vol. 3

The System of The World

826 págs.

FNAC, Forum Almada,

Jan-Mar/06



Um mundo de aventuras

O autor, parece, começou a interessar-se pelas origens do sistema financeiro actual, pela génese do pensamento científico contemporâneo e resolveu escrever uma *prequela* gigantesca ao seu romance, baseada na Londres da segunda metade de seiscentos, onde viveram Newton e Hooke, onde um rei foi decapitado e a Real Sociedade (primeira sociedade científica) foi fundada. As personagens têm os mesmos apelidos, pressupõe-se que são antepassados dos heróis do *Cryptonomicon*, e aparece um misterioso homem imortal, um demiurgo que parece também vir daquele romance. Ali também, Neil Stephenson tinha decidido acrescentar uma península imaginária à Escócia, chamada Qwghlm, e mantém essa *inovação geográfica* no *Baroque Cycle*.

Os personagens principais são o **dr. Daniel Waterhouse**, puritano cujo pai fora companheiro de Cromwell, mas também *filósofo natural* (proto-cientista), membro da Real Sociedade, amigo de Newton e Leibnitz; **Jack Shaftoe**, bandido simpático, mercenário, que acaba por ascender ao estrelato ao ver a sua vida contada em romances de cordel com o nome de Rei dos Vagabundos, Half-Cocked Jack (*Quim Meia-Piça*) ou *L'Emmerdeur*; e a sua amada **Eliza**, especialista em sedução, finanças e espionagem, que ascende de escrava dos turcos que cercam Viena a condessa de França e Inglaterra e conselheira das casas de Orange e Hannover, as quais, finda a dinastia Suart, acabam por reinar em Inglaterra no fim deste período.

Os vilões são os *Tories* ingleses que procuram impedir o progresso social e económico, na maioria ligados à corte de Jaime II (Stuart), rei católico numa Inglaterra protestante. O arquivilão é um jesuíta da corte de Luís XIV, inquisitorial, espião e assassino, o padre Éduard de Gex.

Quanto a mim, a personagem mais interessante deste livro é a época. O autor percorre os vários cenários, atravessa todas as classes sociais com descrições vivas e extraordinariamente realistas dos modos de viver. Não escapam os costumes, a indumentária, as condições de saúde e higiene, os detalhes diplomáticos e geopolíticos.

As ideias também são protagonistas da história. O papel central cabe à luta pela liberdade de pensamento, liberdade de comércio e liberdade política, que inicialmente são simbolizadas pelo deus Mercúrio (ou *quicksilver*) e depois coalescem numa ideia mais abrangente chamada *System of The Word*, com o significado de modernidade e ruptura com o *Ancien Régime*.

Muito se passa na Londres barroca, no período entre o grande incêndio (1666) e a reconstrução de Christopher Wren e Robert Hooke, terminando com a ascensão ao trono de George I, início da dinastia de Hannover. Com descrições constantes da toponímia, ajudadas por mapas (três mapas de Londres, antes do incêndio, durante a reconstrução e por volta de 1700, mais planos da Torre de Londres, de uma prisão e do estuário do Tamisa), acabamos por criar uma imagem mental da cidade. Estou convencido que se agora voltasse a Londres, ia encontrar muitos desses locais a espreitar por entre as estruturas actuais.



A ponte de Londres – onde agora está a conhecidíssima ponte levadiça com duas torres – tinha este aspecto curioso no século XVII (gravura da época)



Isaac Newton em jovem. Newton neste livro aparece, nos seus anos de maturidade, centrado em dois objectivos: assegurar a paternidade do Cálculo contra Leibnitz e descobrir o ouro de Salomão. (Fonte, Wikipedia).

Mas a história não se passa só em Londres. Daniel Waterhouse vai para a América e funda um instituto tecnológico no Massachussets (é *blague*, claro!).

Jack Shaftoe começa como delinquente juvenil no porto de Londres; acompanha Winston Churchill, conde de Marlborough (personagem real antepassada da do século XX) à guerra na Flandres; vagabundeia pela Europa devastada pela Guerra dos 30 Anos; alista-se para lutar contra os turcos que cercam Viena, salva Eliza dos turcos e deserta; vagabundeia de novo pela Alemanha, conhece Liebnitz em Leipzig, vai para Amesterdão; daí segue para Paris onde se mete em problemas na corte de Luís XIV; foge e torna-se capitão de um navio, mas é feito escravo em Argel. Foge de novo e rouba o ouro de Salomão em Cádiz; escapa-se para o Cairo, daí para a Índia, onde perde o ouro e o recupera nos braços de uma princesa pirata do Malabar. Vagueia pelo Extremo Oriente, vai ao Japão e atravessa o Pacífico na esteira do Galeão de Manila. Acaba por voltar a Londres como espião e sabotador financeiro, ao serviço de Luís XIV.

Eliza apaixonou-se pelo mundo financeiro em Amesterdão; torna-se espia de Luís XIV contra Guilherme de Orange, mas na verdade é espia deste contra aquele; troca cartas cifradas com Liebnitz (em código binário!); entra na corte de Versalhes, negocia em Amesterdão, Leipzig, Lyon e Londres; mete-se nos assuntos das casas reais de França, Inglaterra, Holanda, Hannover e Prússia; apoia campanhas contra a escravatura.

Ficção e realidade

Em todas estas situações, as descrições são convincentes, os detalhes curiosos abundam, resultado de uma pesquisa aturada e de um talento extraordinário para conjugar toda essa informação em cenários cheios de humor e vivacidade que nos compelem a viver dentro do meio. Há alguma capa-e-espada e algum sexo, dentro de proporções razoáveis.

As descrições da técnica náutica e da guerra no mar são notáveis; os pormenores da vida de todos os dias são muito engraçados; as experiências científicas dos pioneiros da Real Sociedade são descritas de forma magnífica, tal como os mecanismos financeiros e comerciais da época. Mas igualmente convincentes (e surpreendentes) são as cenas passadas nas prisões de Londres, entre os escravos de Argel ou no império Mogul.

O método usado pelo autor para situar a sua acção neste cenário, com personagens conhecidas e cujas acções estão relatadas em muitos livros, é enxertar novos personagens no meio. Daniel Waterhouse não é uma personagem histórica, mas os seus amigos Isaac Newton e Liebnitz são; Eliza, condessa de Arcachon-Qwghlm nunca existiu, mas a sua amiga Caroline foi realmente a Eleitora de Hannover e mais tarde rainha de Inglaterra. O que não é muito diferente do que fez Victor Hugo...

Outras vezes é a biografia de personagens reais que se vê ligeiramente distorcida e adulterada. O bispo John Wilkins (1614-1672), fundador da Real Sociedade, escreveu um livro sobre criptografia intitulado *Mercury, or The Swift Messenger*, onde propunha um novo alfabeto, o *real character*, como base para uma *linguagem filosófica* inteiramente lógica. Tudo isso aparece neste livro, mas o autor não resiste a pregar-nos uma partida e chama a esse livro *Cryptonomicon*!

Newton, além de matemático e físico genial, era também um alquimista. Isso é conhecido. Mas neste livro ele centra toda a sua vida na procura do Ouro Filosófico, ou Ouro de Salomão, que neste cenário tem existência real e virtudes milagrosas.



Homem de múltiplos talentos, Robert Hooke interessou-se por anatomia, microscopia, física e química; foi um dos fundadores da Real Sociedade e com Wren coautor da reconstrução de Londres. Tinha um feitio áspero. Newton odiava-o e procurou impedir a sua fama. Este livro faz-lhe justiça. (Fonte, Wikipedia).

Se o autor não hesitou em acrescentar uma península imaginária à Grã-Bretanha, mantém uma grande honestidade em respeitar a maior parte da História da época. No entanto, o chefe dos *Whigs* no período final da rainha Ana é um tal Roger Commstock, marquês de Ravenscar e protector de Daniel Waterhouse, que não existe. Na realidade, o chefe dos *Whigs* nessa altura era Robert Harley. Há mais algumas personagens fictícias que ocupam o lugar de personagens históricas.

Humor, credibilidade e linguagem

Numa outra piada mais ou menos subtil, Daniel Waterhouse esforça-se por desenvolver o trabalho de Liebnitz, que se interessou por Teoria da Informação *avant la lettre* – construiu realmente uma calculadora para o rei de França – e trabalha num *logic mill*, que não é mais do que um computador rudimentar com base em cartões perfurados!

Quando num romance histórico se desenvolve acções ou conceitos que iriam virar do avesso todo o mundo que conhecemos, põe-se em perigo a *suspensão da incredulidade* do leitor. Como é que o mundo actual é o que conhecemos, se o Ouro Salomónico existe? Como é que só apareceram máquinas de cartões perfurados no século XX se a ideia era conhecida em 1700?

Há duas opções: o modelo *What If* e o modelo *Ilha do Tesouro*. No primeiro caso, diz-se que aquele mundo não é o nosso, mas sim um universo paralelo. No segundo, a Ilha do Tesouro é destruída no fim, para que as pessoas saibam que não vale a pena ir procurá-la no atlas.

(Eu humildemente confesso que fiz uma completa figura de parvo perante mim próprio, ao ir procurar um sítio chamado Qwghlm algures no norte das Ilhas Britânicas...)

O autor escolheu a segunda solução. O ouro de Salomão, convertido em cartões perfurados, é posto numa arrecadação da casa de Liebnitz com instruções para aguardar um século ou dois (o que leva a crer que vai reaparecer no *Cryptonomicon*); os cartões perfurados e o *moinho lógico* de Daniel Waterhouse são desmantelados como parte de uma maquinação política.

A linguagem é um dos aspectos mais interessantes deste livro. O autor usa uma grafia próxima da época (*con-fused, phant'size, clew, philosophick*), embora sem ir atrás do estilo literário de então, o que teria tornado a obra praticamente intragável para o leitor actual. Mas no meio de tanta fidelidade, lá aparecem as brincadeiras, a piscadela de olho ao leitor, com o uso de termos anacrónicos como *push the envelope* e *technology*. Há uma passagem em que várias pessoas estão a fazer cálculos e o autor chama-lhes *computers* e afirma que estão instalados em *desk-tops*...

Mais que uma vez esta estranha mistura de Aventura e Filosofia me fez lembrar o *Émile*, de Voltaire... onde Liebnitz também figura, ridicularizado na forma do sábio Pangloss.

Agora tenho que ler o *Cryptonomicon*, está visto!

A opção pelo romance histórico é hoje em dia muito interessante para os escritores de Ficção Científica. A realidade científica e técnica muda tão rapidamente que um romance deste género que nos parece lógico



Um East Indiaman (navio das Índias Orientais). Num navio assim, construído em teca na costa do Malabar e com o casco forrado com o ouro de Salomão, o Rei dos Vagabundos dá meia volta ao Mundo, apenas para cair de novo em desgraça...

e credível à data da publicação, estará já obsoleto passados poucos anos, não porque a época em que se situa tenha sido atingida e se tenha revelado diferente do previsto, mas sim porque os conceitos em que se baseia foram ultrapassados! Estou a lembrar-me de certas histórias de meados do século XX em que se navegava pelo espaço com recurso a uma régua de cálculo (alguém se lembra do que é uma régua de cálculo?).

É muito provável que, quando ler o *Cryptonomicon*, este esteja muito mais envelhecido (por ser baseado em tecnologia da informação, que muda constantemente), do que esta trilogia do *Barroco*.

O Barroco alargado

Por fim, devo dizer que este livro me trouxe uma compreensão melhor do que é o período barroco. Influenciado pelos critérios dos autores de História da Arte, tinha eu a ideia que este período estava ligado à Europa do Sul e à Contra-Reforma, sendo estranho à cultura protestante do Norte. Estava errado.

O conceito de Barroco nasceu da crítica alemã ligada ao movimento classicista, no fim do século XVIII, que desprezava a ornamentação exuberante e as liberdades que os artistas deste período usavam, em relação aos cânones clássicos redescobertos na Renascença. É um termo de origem portuguesa que parece provir de Garcia de Horta. O grande botânico, no *Colóquio dos Simples e Drogas da Índia*, descreve algumas pérolas imperfeitas como "*huns barocos mal afeiçoados*".

Portanto, desde a origem, o termo está ligado à ideia de imperfeição. Além disso, a sequência conceptual *vanguarda/clássico/barroco* usa-se ainda para caracterizar a evolução interna de qualquer movimento artístico. Pode dizer-se assim que o *rock* sinfónico dos anos 70 do século XX era barroco...

Resulta claro deste romance (e de outras fontes) que o Barroco não era de forma nenhuma um fenómeno ligado à Europa do Sul, muito menos circunscrito à política mais ou menos sinistra da Contra-Reforma. Foi antes um período de uma criatividade tumultuosa, extremamente fértil em todos os domínios, artísticos, filosóficos, intelectuais, económicos e políticos.

O autor do *Baroque Cycle* usa muitas vezes os termos *Barok* e *Rokoko* para caracterizar peças de arte. Tudo o que eu li até agora me faz crer que o termo ainda não era usado na época, mas posso estar enganado. ■